



## Sociedade das Ciências Antigas

### **O CRISTIANISMO E O CATOLICISMO <sup>1</sup>**

**LOUIS-CLAUDE DE SAINT-MARTIN (1.743-1.803)**

#### **EXTRATO DE SUA OBRA "O MINISTÉRIO DO HOMEM-ESPÍRITO"**

Escritores de grande talento trataram de mostrar-nos os feitos gloriosos do cristianismo. Mas, ainda que suas melhores obras sejam lidas com grande admiração, não se encontrará nelas o que seu autor tentava demonstrar, no meu entender, vendo que substituíram muitas vezes os princípios por jogos engenhosos de eloquência e, inclusive se o desejarmos, pela poesia. Eu não os leio sem a mais extrema das precauções. E, se faço algumas resenhas sobre seus escritos, como ousar permitir-me, não é certamente nem como ateu nem como incrédulo. Tenho combatido, por muito tempo, os mesmos inimigos que atacam esses autores, e meus princípios me fizeram, com a idade, adquirir maior consistência.

Não é, tampouco, como literato nem como erudito que oferecerei minhas observações, ainda que deponha sobre estes dois pontos as vantagens de que não carecem. É como aficcionado pela filosofia divina que me apresentarei na lide, e sob este título não se devem desprezar as reflexões de um colega que, como eles, ama acima de tudo a verdade.

A principal reprimenda que lhes faço é de confundir, em todos os aspectos, o cristianismo com o catolicismo, o que faz com que sua idéia fundamental, não possuindo suficiente circunscrição, ofereça necessariamente em seu caminho uma agitação fatigante para os que queriam segui-los, mas que estão acostumados a marchas sobre caminhos melhor pavimentados. (...)

O verdadeiro cristianismo não só é anterior ao catolicismo, mas inclusive, ao próprio termo "cristianismo". O nome de cristão não aparece uma só vez no Evangelho, mas o espírito que corresponde a este termo é visto muito claramente e consiste, segundo São João (I, 12), no poder de chegar a ser filhos de Deus. E o espírito dos filhos de Deus ou dos Apóstolos do Cristo e dos que creram nele é (segundo São Marcos, XVI, 20) que o Senhor coopere com eles e que confirme suas palavras com os milagres que as acompanhem. Sob este ponto de vista, para encontrar-se realmente no seio do cristianismo é necessário estar unido em espírito ao Senhor e ter consumado a completa aliança com ele.

Com relação a isto, o verdadeiro gênio do cristianismo seria menos constituir uma religião do que ser o termo e lugar de repouso de todas as religiões e de todos os caminhos laboriosos, através dos quais a fé dos homens e a necessidade de purgar-se de suas faltas os obriga a trilhar diariamente.

Desta forma, fica em destaque que nos quatro Evangelhos, que descansam no espírito do verdadeiro cristianismo, a palavra religião não é mencionada nem uma só vez e que, nos escritos dos apóstolos que completam o Novo Testamento, só é mencionada quatro vezes: uma em *Atos* (XXVI, 5), onde o autor se refere à religião judaica; a segunda em *Colossenses* (II, 18), onde o autor se limita a condenar o culto ou a religião dos anjos; a terceira e quarta aparecem na *Epístola de Santiago* (I, 26 e 27), onde diz simplesmente: 1) aquele que não reprime sua língua e livra seu coração da sedução, não possui mais que uma religião vã, e 2) a religião pura e sem mácula consiste em visitar os órfãos e as viúvas em suas aflições e guardar-se da corrupção do século. Nestes exemplos o cristianismo

---

<sup>1</sup> Tradução e divulgação autorizadas pelo GEIMME - Grupo de Estudios e Investigaciones Martinistas y Martinezistas de España. Boletín Informativo 07 - Junio de 2006.

parece tender mais para uma sublimidade divina ou para o lugar de repouso do que para revestir-se das cores com as quais costumamos pintar a religião.

Eis aqui um quadro das diferenças entre o cristianismo e o catolicismo.

O cristianismo não é senão o espírito de Jesus Cristo em sua plenitude, uma vez que este divino reparador realizou todos os graus de sua missão, que começou a cumprir no momento em que se produziu a queda do homem, prometendo-lhe que a raça da mulher esmagaria a cabeça da serpente. O cristianismo é o complemento do sacerdócio de *Melquisedec*; é a alma do Evangelho, é o que faz circular no Evangelho todas as *águas vivas* de que as nações têm necessidade para libertar-se.

O catolicismo, ao que corresponde o título de religião, é a via de provas e trabalhos necessários para chegar ao cristianismo.

O cristianismo é a religião da libertação e da liberdade; o catolicismo não é senão o seminário do cristianismo, a região onde moram as regras e disciplinas do neófito.

O cristianismo preenche toda a terra por igual com o espírito de Deus; o catolicismo só preenche uma limitada região do globo, ainda que seu nome o apresente como universal.

O cristianismo leva nossa fé até a região luminosa da eterna palavra divina; o catolicismo limita esta fé às fronteiras da palavra escrita ou das tradições.

O cristianismo dilata e amplia o uso de nossas faculdades intelectuais; o catolicismo encerra e circunscreve o exercício destas mesmas faculdades.

O cristianismo nos mostra Deus a descoberto, no seio de nosso ser, sem o recurso de formas e fórmulas; o catolicismo nos faz abandonar a relação com nós mesmos para encontrar Deus oculto sob o aparato das cerimônias. (...)

O cristianismo não faz monastérios nem anacoretas, porque não pode isolar-se mais do que o faz a luz do sol, e de maneira idêntica trata de difundir todo seu esplendor. É o catolicismo que povoou os desertos de solitários, e as cidades de comunidades religiosas, uns para dedicar-se com maior aproveitamento à sua salvação individual e os outros para oferecer ao mundo, que consideram corrompido, algumas imagens de virtude e piedade que o sacudiriam de sua letargia.

O cristianismo não tem nenhuma seita, porque abarca a unidade que, sendo única, não pode dividir-se consigo mesma. O catolicismo viu nascer em seu seio multidão de cismas e seitas que foram incrementando o reino da divisão, mais que o domínio da concórdia, e este mesmo catolicismo, quando se acreditou no mais perfeito grau de pureza, encontrou apenas dois membros de sua fé que possuíam uma crença uniforme.

O cristianismo jamais fez Cruzadas. A cruz invisível que leva em seu seio não tem por finalidade mais que o consolo e a felicidade de todos os seres. Foi uma falsa imitação desse cristianismo, para não dizer mais, que inventou as Cruzadas, e o catolicismo imediatamente as adotou. Mas foi o fanatismo que as dirigiu, o jacobinismo que as compôs e o anarquismo que se pôs a sua frente, e por fim foi o “bandoleirismo” que as realizou.

O cristianismo só fez guerra ao pecado; o catolicismo vai pelo sendeiro das autoridades e das instituições. O cristianismo não é mais que a lei da fé; o catolicismo é a fé da lei.

O cristianismo é a instalação completa da alma do homem no *status* de ministro e obreiro do Senhor; o catolicismo limita o homem no seio de sua própria saúde espiritual.

O cristianismo une sem cessar o homem a Deus, como sendo, por sua natureza, dois seres inseparáveis; o catolicismo, ao utilizar a mesma linguagem, nutre, sem embargo, o homem de tantas formas que o faz perder de vista seu objeto real e o faz adquirir, ou inclusive viciar-se, em numerosos hábitos que não servem para o proveito de seu verdadeiro avanço. (...)

O cristianismo é uma ativa e perpétua imolação espiritual e divina, seja da alma de Jesus Cristo, seja da nossa. O catolicismo, que descansa particularmente na missa, não oferece nela mais que uma imolação ostensiva do corpo e sangue do Reparador. (...)

O cristianismo pertence à eternidade; o catolicismo é do tempo.

O cristianismo é o termo; o catolicismo, apesar da imponente majestade de suas solenidades, e acima da santa magnificência de suas admiráveis rezas, não é mais que o meio.

Finalmente, é possível que existam muitos católicos que não sejam capazes de julgar ainda no que consiste realmente o cristianismo; mas é impossível que um verdadeiro cristão não se encontre no estado de julgar o que é realmente o catolicismo e no que consiste na realidade, o que liberta o ser.



**FIM**